

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DE PORTUGAL E DOS PORTUGUESES SEGUNDO FERNANDO PESSOA*

PETAR DIMITROV PETROV**

1. FERNANDO PESSOA E A PROBLE-MÁTICA "PENSAR PORTUGAL"

A partir do início do século XIX, com Alexandre Herculano e Almeida Garrett, muitos escritores, historiadores, pensadores e intelectuais portugueses revelaram uma preocupação constante, em alguns até obsessiva, de descobrir **quem somos e o que somos como portugueses**. Na segunda metade do séc. XIX, um grupo de intelectuais, conhecido pela "Geração de 70", analisa, de uma maneira profunda, esta questão. Os seus representantes, particularmente Antero de Quental e Oliveira Martins, foram, talvez, os primeiros a tentar repensar e pôr em questão toda a cultura portuguesa desde as suas origens. Os representantes da chamada "Geração de 70" procuraram, mediante o seu pensamento, preparar uma profunda transformação na ideologia política e na estrutura social portuguesas. Apesar da sua crença utópica de que o poder absoluto das ideias transformaria o mundo, a "Geração de 70" teve um papel importante na sua tentativa de questionar a realidade portuguesa, revelando uma profunda consciência de crise e tentou apontar para aquilo que achava que seria a solução para o problema nacional português.

No início do séc. XX, o Modernismo português, principalmente com o seu representante Fernando Pessoa, revela uma intenção de conquistar uma nova visão do mundo, para tal virando-se a analisar a **alma nacional portuguesa**. Fernando Pessoa preocupou-se particularmente com o destino histórico-mítico de Portugal, de maneira obsessiva tentou reimplantar o seu país na sua grandeza idealizada e inexistente, devida a situação concreta em que se encontrava. Haveria de surgir algo que regenerasse, mesmo que simbolicamente, Portugal, e esta regeneração é proclamada pelo poeta, como veremos mais adiante.

Fernando Pessoa, tal como os representantes da "Geração de 70", tentou **pensar Portugal**. Pensou-o, preocupou-se com a sua história, analisou o seu passado, o seu presente e apontou para um futuro português. Sobre os portugueses em si, sobre a sua complexidade moral, encontramos uma série de considerações de sua autoria, reunidas na colectânea "Sobre Portugal"⁽¹⁾ (S.P.). Aí, o autor da "Mensagem"⁽²⁾ (M.) pinta o retrato do português em função do seu passado, desde a função do Estado, ao longo da época dos Descobrimentos, da Restauração até a fundação da República. É uma tentativa de compreender o seu país e o seu povo. Revelando esta sua preocupação, F. Pessoa escreve o seguinte em 1908:

* O presente ensaio é versão abreviada de um trabalho de investigação, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Curso de Licenciatura e no âmbito de Cultura Portuguesa, e publicado in Estudos Críticos, Universidade Federal da Paraíba, 1985.

** Docente da ESE de Beja

"O meu intenso sofrimento patriótico, o meu intenso desejo de melhorar o estado de Portugal, provocam em mim (...) mil projectos..." (in Notas Íntimas).

Pessoa, na aspiração de compreender a sua Pátria, surge-nos envergando o manto de um **Superpatriota**. Na sua visão, a consciência colectiva poderia ser despertada por um grande poeta, poeta-profeta, tal como se anunciou em 1917 no "Ultimatum"⁽³⁾ (com o heterónimo de Álvaro de Campos):

"Eu, da Raça dos Descobrimentos, desprezo o que seja menos que descobrir um Novo Mundo!

Eu, ao menos, sou uma grande Ânsia, do tamanho exacto de Portugal!

Eu, ao menos, sou bastante para indicar o Caminho".

Para Fernando Pessoa, não se podia separar a sua missão poética da sua vocação patriótica. Nesta linha de pensamento, o poeta tentou modelar a imagem do português, apontando para algumas das suas características, tal como, em primeiro lugar, a **passividade lusa**, amante da ordem, daí a sua disciplina:

"Das feições da alma portuguesa a mais irritante é, sem dúvida, o excesso de disciplina" (S.P.)

Para sair dessa passividade, ordem e disciplina, Pessoa proclama: "Portugal precisa dum indisciplinador". Assim, com a intenção de "perturbar as almas, desorientar espíritos", o poeta, tal como os seus contemporâneos do modernismo futurista, aponta para uma nova ordem: a **anarquia**.

Uma outra característica do carácter do português é-nos revelada, relacionando-se com o seu **excesso de imaginação**. Para F. Pessoa, "a imaginação excessiva" leva a um paradoxo: provoca deficiência de imaginação. Assim, poder-se-ia pensar que o português não consegue existir e compreender o real, está constantemente a imaginá-lo, e daí a sua incapacidade de

pensar-se a si próprio objectiva e realisticamente.

Para o poeta, uma das razões para a falta de **consciência superior de nacionalidade** no português é devida ao facto deste ser **essencialmente cosmopolita**. Assim, "nunca um verdadeiro português foi português: foi sempre tudo" (S.P., p.132). Ora, com a época histórica que se segue aos Descobrimentos, este cosmopolitismo português sofreu um rude golpe, não havia mundos por descobrir. Como resultado, o que o poeta presencia é uma situação na qual "o português deixa de respirar individualmente" (S.P., p. 132).

Na perspectiva de F. Pessoa, existem três espécies de portugueses:

- o **português típico**, que representa a massa, o povo, sem consciência nacional e "desde 1578 abandonado por todos".
- o **estrangeirado**, a formar a classe média, é o governante, "divorciado do país que governa" e é "estúpido" na sua essência.
- o terceiro tipo é o português que fez **as descobertas** e "depois desapareceu" (S.P.).

Apontando para a incapacidade de se formar uma camada de indivíduos, um "escol" (S.P., p.119) em Portugal, que seria o motor da sociedade, F. Pessoa evoca o tal português do terceiro tipo, o **mítico**, que seria o único capaz de salvar Portugal. É o português do tipo **imperial**.

Na sua tipologia nacional, o que importa é o relacionamento que se pode estabelecer entre os tipos de portugueses e as diferentes épocas históricas da nação lusa. Assim, o **português típico** e o **estrangeirado** estariam veiculados a épocas históricas decadentes, desde a Restauração até à República, portanto a um passado e a um presente decadentes. O português do terceiro tipo é projectado numa época gloriosa da história de Portugal, **tipo latente** à espera de ser despertado e guiado para novos actos heróicos e gloriosos. A crença na

capacidade individual dos seus conterrâneos, é expressa nas seguintes palavras de F. Pessoa:

"O Português é capaz de tudo, logo que não lhe exijam que o seja. Somos um grande povo de heróis adiados..." (S.P., p.79).

II. O PASSADO HERÓICO E MÍTICO

Segundo Fernando Pessoa, o passado histórico português pode ser dividido em duas épocas: uma primeira, do nascimento da nação até a morte de D. Sebastião (seria a época gloriosa e heróica) e uma segunda, que abrangeria o período do fim do séc. XVI até à implantação da República (a época da decadência).

Sobre o passado heróico, Pessoa escreveu:

"O certo é que o português apareceu na civilização como homem harmónico, mente segura e planeadora, braço apto a realizar o que ele próprio planeou. Reunia a audácia e a ciência que torna a audácia mais alguma coisa que um impulso animal de quem não vê" (S.P., p.87).

A mitificação do passado heróico português aparece com toda a sua grandeza no livro epopeia **Mensagem**. Neste, Pessoa descreve poeticamente os mitos que os Descobrimientos tinham expresso sob a forma de acção. Na **Mensagem** todos os homens reais, antepassados, fundadores e heróis de Portugal, são transfigurados de personagens históricas em personagens míticas. Na procura da identidade cultural portuguesa, assente na tradição nacionalista, o autor da **Mensagem** estrutura a sua epopeia de uma forma triádica: **Brasão**, ou o Império Terrestre, os fundadores, o nascimento; **Mar Português**, ou o Império do Mar, a vida, a realização e a revelação da capacidade da nação lusa; **Encoberto**, ou o Império do Ar, do sono e das energias la-

tentes, no qual o apelo messiânico indica o futuro, o **Quinto Império**.

Os heróis da **Mensagem**, Ulisses, Viriato, Conde D. Henriques, D. Teresa, D. Afonso Henriques, são evocados na primeira parte da obra, sendo D. Dinis, na visão triádica já referida, o elo de ligação entre a consolidação do Império Terrestre e a conquista do Mar. Estes antepassados são desenhados através de acções concretas, mas apresentando-se quase todos mitificados, pelo que assumem proporções gigantescas. A F. Pessoa não interessam as acções mesquinhas, mas o **ser** que é feito de **valores**, de **símbolos**, de **mitos**, como ele próprio afirma em **Ulisses**:

"O mito é o nada que é tudo." (M., p.25)

Para Pessoa, Deus (ou os deuses) determina(m) o destino dos povos. No plano divino, Ulisses criou Portugal, D. Teresa amamentou o Fundador:

"Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisto, Deus fadou,"
(M...28).

Nos momentos decisivos, os heróis do glorioso passado português, são conduzidos pela vontade divina:

"Todo começo é involuntário
Deus é o agente
O herói a si assiste, vário
E inconsciente" (M., p.27).

e noutra passagem:

"O homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita"
(M., p.32).

Os heróis, na maior parte das vezes agindo inconscientemente, por instintos divinos, reforçam com as suas características o plano mítico que transparece nas linhas da **Mensagem**:

(sobre D. Fernando)

"Deu-me Deus o seu gládio porque eu faça
A sua santa guerra" (M., p.38).

Na **Mensagem** não falta também o elemento nostálgico, o sentimento de saudosismo para com a história gloriosa, feita pelos antepassados:

"Restam-nos hoje, no silêncio hostil.
O mar universal e a saudade" (M., p.73).

Para além de modelar uma série de antepassados mitificados, a epopeia de F. Pessoa é, ainda, um elogio ao português, descobridor e conquistador de novos mundos. O que define o português nestas acções não são os motivos materiais de posse de terras, mas um desejo de chegar ao absoluto, um ideal que pertence à própria alma:

"Três Impérios do chão lhe a sorte apanha
Criou-os como quem desenha"
(M., poema Afonso de Albuquerque)

ou ainda:

"Claro no pensar, e claro no sentir
É claro no querer
Indiferente ao que há em conseguir
Que seja só obter" (M., poema D. Pedro)

A fome do Absoluto leva inevitavelmente a uma opção dramática: **Vida ou Morte, Tudo ou Nada**:

"Porque é de Portugal, pai de amplos mares
Querer, poder só isso:
O inteiro mar, ou a orla vã desteita
O todo, ou o seu nada" (M., poema D. João).

Os heróis na **Mensagem** revelam constantemente uma insatisfação por aquilo que é feito. A insatisfação permanente justifica esta ânsia, esta fome do Absoluto e do Infinito. Assim, o misticismo do objecto indeterminado envolve a acção dos heróis, projectando-se no plano da divindade.

A aventura no mar, que não tem tempo ou espaço, à procura do Além, do Absoluto e do Infinito, do que não existe, tudo isso se justifica no poema épico por uma lei (desejo) transcendental (divino). Foi Deus que designou o destino do Povo português. Assim, este destino predeterminado paira no ar e, segundo F. Pessoa, está à espera de ser retomado para conduzir de novo Portugal à conquista do Absoluto.

III. O PASSADO E O PRESENTE DECA- DENTES

Para Fernando Pessoa, uma nação, qualquer que seja "é três coisas: 1) uma relação com o passado; 2) uma relação com o presente; 3) uma direcção com o futuro" (S.P., p.22).

A visão que o poeta tem sobre o passado português, depois da época dos Descobrimentos, é inequivocamente de decadência. Para Pessoa, a decadência atravessou três fases: a primeira do reinado de D. Manuel à anexação de Portugal a Espanha; a segunda de 1580 até o Constitucionalismo e a terceira de 1820 até à implantação da República em 1910.

Para fundamentar esta ideia de decadência, o poeta elabora a teoria de "ruptura de equilíbrio". Assim, numa sociedade "progressiva" existem duas forças importantes: "força de progresso e força de resistência" (S.P., p.104). É no equilíbrio destas duas forças que reside a vitalidade de uma nação. Em relação à ruptura de equilíbrio, Pessoa diz:

"Quando a ruptura de equilíbrio se dá pelo predomínio excessivo da força conservadora, dá-se uma estagnação,...) Quando a ruptura de equilíbrio se dá pela predominância da corrente progressiva, acontece que as outras classes, não podendo acompanhar esse progresso (...), passam a reagir violentamente e o país cai na anarquia" (S.P., pp.104 e 105).

Para o poeta da **Mensagem**, quando se dá um desequilíbrio destas forças opostas na sociedade, chega-se, inevitavelmente, às seguintes consequências: "perda de coesão e de vitalidade nacional, desnacionalização de parte do país" (S.P., p.105).

Em relação a Portugal, F. Pessoa considera que se verificou uma "tripla ruptura de equilíbrio", durante as três fases de decadência já referidas, chegando-se aquilo que Pessoa denomina "supertradicionalização". Portanto, o desequilíbrio em Portugal deveu-se a vitória das forças de resistência ao progresso.

Uma outra causa para a decadência dos valores culturais portugueses, e daí de Portugal, é procurada na concepção de Imperialismo. Para F. Pessoa, há três tipos de Imperialismo: o "de domínio", o "de expansão" e o "de cultura". Destes três tipos o poeta considera o **Imperialismo de Cultura** como a última fase da evolução de uma civilização. Assim, Portugal já cumpriu o seu papel na parte que toca aos Imperialismos de domínio e expansão, não tendo chegado a pôr em prática a sua vocação fundamental, que teria sido de natureza cultural.

Depois de explicar o passado decadente, F. Pessoa debruça-se sobre o presente. Este também é visto numa perspectiva decadentista:

"Somos hoje um pingo de tinta seca da mão que escreveu Império da esquerda a direita da geografia" (S.P., p.79)

Ainda sobre a Implantação da República:

"O que se diz do Constitucionalismo, pode dizer-se(...) da Implantação da República. Nenhuma reacção do espírito progressivo a instaurou: foi um fenómeno, ainda mais adiantado, da nossa decadência, da nossa desnacionalização" (S.P., p.108).

Para o poeta, após o ano de 1910, chegaram de vencer "os elementos retrogrados e improgressivos", o que, por seu lado, levou o vírus do estrangeirismo a um maior número de classes do que a monarquia constitucional" (S.P., p.109).

A decadência é um facto, parece dizer-nos o poeta, mas não se limita somente a aponta-la. Pessoa propõe duas soluções para a saída da crise: a primeira de índole económica, mediante uma constante "transformação profissional", como resultado da "industrialização sistemática do país" (S.P., p.111) e uma segunda, relacionada com a educação das novas gerações, da seguinte maneira:

"Educar as novas gerações no sonho, no devaneio, no culto prolixo e doentio da vida-interior, vem dar em educá-las para a civilização e para a vida" (S.P., p.79).

Na **Mensagem**, o presente de latência lusitana, marcado pela indiferença e o sono, não é um fim absoluto, uma dormência na morte. Na poesia "Tormenta" lemos:

"Quem jaz no abismo sob o mar que se ergue?

Nós, Portugal, o pode ser".

E na antologia "Sobre Portugal":

"O Atlântico continua no seu lugar, até simbolicamente

E ha sempre Império desde que haja Imperador" (p.79).

O estado de latência é um estado intermediário, pausa de repouso, um intervalo entre duas vidas. O sono é como a semente enterrada à espera de uma vida nova. O sono na **Mensagem** tem um valor ambivalente, é perdição e esperança ao mesmo tempo, simbolicamente é o caos nocturno que precede o surgir de um novo ciclo, a criação de um mundo novo.

IV. A VISÃO DO FUTURO

Em 1923, quando perguntado sobre "O que calcula que seja o futuro da Raça Lusitana?", Pessoa responde:

"O Quinto Império. O futuro de Portugal - que não calculo mas sei - está escrito já(...) nas trovas do Bandarra e também nas quadras

de Nostradamus. Este futuro é sermos tudo." (S.P., p.45).

De que futuro Império falará F. Pessoa? Sem dúvida, do Império de Cultura:

"Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé(...). Só pode realizar utilmente o Império Espiritual a nação que for pequena(...) Criando uma civilização espiritual própria, subjugaremos todos os povos; porque contra as artes e as forças do espírito não há resistência possível, sobretudo quando elas sejam bem organizadas, fortificadas por almas de generais de Espírito" (S.P., p.45).

Na visão pessoana, Portugal reúne todos os requisitos para ser o Quinto Império, condições apontadas pelo poeta e que se reduzem ao seguinte: 1) uma língua rica (Pessoa considera que o português, das línguas latinas, é a língua mais rica e mais complexa); 2) existência de homens de génio literário, escrevendo nesta língua (lembramos a auto-proclamação de Pessoa como um Super-Camões); 3) existência de uma base imperial para se poder expandir a língua e a cultura portuguesas.

Para F. Pessoa, o Quinto Império (depois do da Babilónia, da Pérsia, da Grécia e de Roma) estava reservado a Portugal com o regresso de D. Sebastião. Para a criação do tal Império é necessário "libertarmos o nacionalismo dos seus agregados espúrios" (S.P., p.177). Como? Eis a resposta: com o **Sebastianismo!**

Portanto, o Quinto Império só seria realizável com o retomar e o renovar de um mito nacional. "O mundo existe e conduz-se por mentiras", nos diz F. Pessoa. A mentira deve ser instaurada em nome de uma causa gloriosa e nobre. No poeta, o misticismo é levado ao extremo com a elevação do sebastianismo em religião nacional:

"...a religião é socialmente útil quando se aproxima de preencher três condições: 1 - ser nacional (...) diferente das religiões de outros países...; 2 - ser popular...; 3 - ser quanto possível susceptível de evolução e adaptação" (S.P., p.197).

"(...) o sebastianismo. Este é nacional - mais nacional é impossível exigir - é popular, porque ninguém sabe como ele nasceu nem de quem." (S.P., p.176).

Assim, as duas primeiras exigências para a existência de uma religião "socialmente útil" estão cumpridas pelo sebastianismo. Falta a terceira premissa, obreiro da qual seria o próprio poeta: teria, na sua "roupagem de Super-Camões", de adaptar este mito-religião às novas realidades nacionais. Para Pessoa, basta renovar o mito d'El-Rei D. Sebastião e assim

"se dará na alma da nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão Novas Descobertas, a criação do Mundo Novo, o Quinto Império" (S.P., p.255).

Na Mensagem, F. Pessoa surge como o novo profeta, depois de Bandarra e António Vieira, a anunciar o regresso de D. Sebastião. É ele que chama a sua vinda do Encoberto. O regresso do Rei trará esse Quinto Império, tão desejado, como uma Idade de Ouro, abolindo a história e instaurando a salvação definitiva. D. Sebastião é o desejado:

"Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo

.....
A alma penitente do teu povo
à Eucaristia Nova". (M., p.84)

e esperar nas Ilhas Afortunadas:

"São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando." (M., p.86)

é o primeiro símbolo do encoberto:

"Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?" (M., p.87)
"Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É o que eu sonhei que eterno dura,
É esse que regressarei." (M., p.81,
poema D. Sebastião)

Assim, o mito sebastianista situa-se no **Encoberto da Mensagem**. Encobre um Império de Língua Portuguesa, um Império de índole cultural. D. Sebastião é símbolo de esperança e de grandeza da alma portuguesa: ele é o mito, a lenda, a chama que fecundará a realidade e tornará a vida digna de ser vivida.

NOTAS:

1 - **PESSOA**, Fernando, *Sobre Portugal*, Organização de Joel Serrão, Editora Ática, Lisboa, 1979.

2 - **PESSOA**, F., *Mensagem*, Ed. Ática, Lisboa, 13ª ed., 1979.

3 - **PESSOA**, F., *Ultimatum e páginas de sociologia política*, Antologia org. J. Serrão, Ática, Lisboa, 1980.

BIBLIOGRAFIA

1 - **COELHO**, Jacinto do Prado, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Verbo, Lisboa, 1980

2 - **COSTA**, Dalila L. P. da, *O Esoterismo de Fernando Pessoa*, Lello e Irmão, Porto, 1978

3 - **LOURENÇO**, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Dom Quixote, Lisboa, 1982

4 - **MACHADO**, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 - uma Revolução Cultural e Literária*, ICALP, Biblioteca Breve, Lisboa, 1981

5 - **PESSOA**, Fernando, *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional*, (Org. Joel Serrão), Ática, Lisboa, 1979

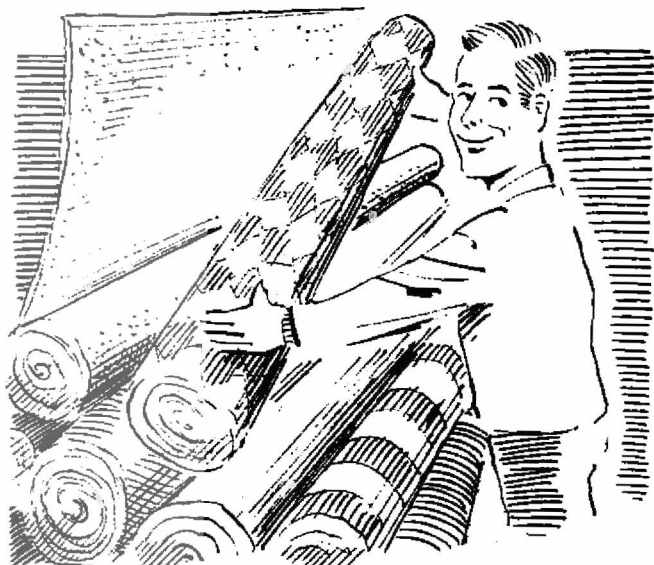
6 - **PESSOA**, Fernando, *Mensagem*, Ática, Lisboa, 13ª ed. 1979

7 - **PESSOA**, Fernando, *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, (Org. Joel Serrão), Ática, Lisboa, 1980

Divulga

LER
educação

Galerias Ribeiro



- .EQUIPAMENTO DE REFEITÓRIO
- .MOBILIÁRIO
- .ALCATIFAS
- .TAPETES
- .TAPEÇARIAS
- .CARPETES
- .CARPETES DE ARRAIOLOS

APLICAÇÃO ESPECIALIZADA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

LARGO DOS CORREIOS ☎ 2 60 56

BEJA